



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9842 - Resumo Expandido - Pôster - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

EDUCAÇÃO INFANTIL EM TEMPOS INÉDITOS: limites e potencialidades na manutenção de vínculos e interações com um grupo de crianças durante a pandemia em um Colégio Universitário

Isabela Pereira Lopes - UFF - Universidade Federal Fluminense

EDUCAÇÃO INFANTIL EM TEMPOS INÉDITOS:

limites e potencialidades na manutenção de vínculos e interações com um grupo de crianças durante a pandemia em um Colégio Universitário

O presente pôster apresenta as questões centrais de um projeto de Pós-doutorado em curso que procura refletir acerca dos desafios do trabalho remoto em uma instituição de Educação Infantil Universitária, durante a pandemia do Coronavírus, vivenciando os limites e potencialidades na manutenção de vínculos e interações com o grupo de crianças, no qual a professora pesquisadora está imersa e ao qual assumiu durante o período de distanciamento social. Esta pesquisa está ancorada metodologicamente na pesquisa Formação-ação, onde a própria docente é protagonista da pesquisa e reflete sobre o que acontece na sua prática presente, junto a um coletivo e seus pares, questionando assim essa realidade na qual está imersa.

Palavras-chave: Pandemia; Educação Infantil; Interações.

Este projeto de pesquisa vem investigando como a Educação Infantil em âmbito universitário está mantendo os vínculos e interações com sua infância, nesse período de pandemia, através dos caminhos da docência que eu, como professora da instituição, estou imersa, revelando os limites e potencialidades na ética do encontro e do brincar remotos e os desdobramentos dessas inéditas formas de fazer pesquisa, enfim investigar, documentar, refletir e publicizar esses caminhos possíveis de encontros com um grupo de crianças.

Desejo iniciar esse trabalho escrito em plena pandemia, lembrando Krenak (2020), pois assim como ele, adiamos compromissos e paramos de andar pelo mundo. Os encontros ganharam um novo significado, passaram a ser virtuais. As rodas de conversa presenciais foram substituídas por um grande quadrado de conversa nas telas. Como pesquisar, estudar, ler e escrever em tempos tão desafiadores como esses que estamos vivendo? Meu desafio se ampliou, pois iniciei o trabalho na instituição educativa em que

focalizo a pesquisa, no início da pandemia, o que restringiu meus contatos presenciais com crianças e colegas.

Uma das primeiras estratégias que recorremos foi a de nos aproximar de autores que estavam conseguindo pensar e escrever acerca da pandemia do Coronavírus com ela em curso. Era importante emergir no contexto vivido para compreender mais e melhor seus desafios. A primeira produção localizada foi de Santos (2020), que acabou me despertando o desejo de ler outros autores que conseguem, como ele sinalizou, pensar de forma extraordinária, em tempos igualmente extraordinários, raros e inéditos. Foi então que tivemos acesso ao Agamben (2020).

Essas leituras passaram a deslocar o nosso olhar para o isolamento no cotidiano. Estávamos trancadas em apartamentos, privadas de elementos que nos passam despercebidos em tempos “normais”: o sol, a brisa, a água do mar, a chuva. Pensar na falta que a integração com a natureza nos fazia, nos aproximou de ler Krenak (2020). A pesquisa tem demonstrado que a privação desses elementos também está sendo sentida pelas crianças, que estão com seus corpos reprimidos. Nos encontros remotos e nos planejamentos, esse desejo por movimento já foi tema de debates e se reverteu em atividades que contemplem todo o corpo, como brincadeiras de vivo ou morto, elefantinho colorido, entre outras.

Krenak destaca o quanto a pandemia nos paralisou, mas ao mesmo tempo alerta que muitos grupos já viviam esse confinamento involuntário há muito tempo, como os indígenas (KRENAK, 2020), os moradores das favelas, as populações de rua, os refugiados, os deficientes (SANTOS, 2020).

Estar atenta ao outro, que fala de um lugar tão diferente do meu é respeitar conhecimentos e sabedorias que revelam uma ancestralidade que esteve tanto tempo à margem. Krenak, Agamben e Santos contribuíram para forjar, no início da pandemia, nossas próprias proposições para os desafios de pensar a Educação Infantil em tempos inéditos, com todos os limites e potencialidades dos encontros remotos. Bases fundamentais para dar início a pesquisa de Pós-doutorado em foco.

As pesquisas realizadas nesse período excepcional acabam por documentar tempos inéditos, ou seja, tudo aquilo que precisamos lembrar para a posteridade. É importante salientar que escrevo no olho do furacão, no decorrer de uma pandemia, que até o dia de hoje (22 de junho de 2021), já matou mais de 3,87 milhões de pessoas no mundo, segundo dados oficiais (BBC). Em nosso país a negligência política e social já ultrapassou a marca de 503 mil vidas: adultos, crianças, idosos e jovens.

Esta pesquisa de Pós-doutorado vem sendo realizada na Educação Infantil de um Colégio Universitário, procurando refletir criticamente sobre as possibilidades e os desafios de atuar como professora da infância em tempos de distanciamento social. Durante a pandemia do Coronavírus, na Educação Infantil do colégio pesquisado foram mantidas as reuniões semanais de planejamento pedagógico, planejadas pela Coordenação Pedagógica, em ambiente remoto. Foram esses encontros que deram subsídios para fundamentar os primeiros desejos coletivos do grupo de professoras e profissionais da instituição. Uma das primeiras definições foi a de manter os vínculos e as interações com nossas crianças, além de manter um diálogo franco e próximo com as famílias. Foi assim que ensaiamos e tateamos as primeiras experiências nesse campo árido que é a tela, o online e o distanciamento social. Foram realizadas reuniões com as famílias onde ficou definido que só poderá ser possível um retorno para crianças tão pequenas quando for seguro. Acreditando que a escola é um lugar onde guardamos e colecionamos experiências e afetos.

Uma das primeiras ações coletivas do colégio foi a de utilizar espaços nas redes

sociais que procuram reunir essa coleção de experiências e afetos. Na Educação Infantil essa documentação pedagógica virtual tem se dado através de uma página privada no Instagram, que tem representado esse caráter de priorizar as relações, com fotos e vídeos de um passado recente e do presente forjado no ambiente remoto, documentando e publicizando entre a comunidade escolar. Na página principal onde apenas a comunidade escolar tem acesso é possível observar a seguinte apresentação: “Espaço de encontrar escola, tornar a ver, escutar e visitar o vivido.” A pesquisa tem demonstrado que esse espaço tem sido utilizado por muitas famílias, como modo de dar retorno para a escola, das produções das crianças que tem relação com propostas feitas pela escola.

Outra ação que prioriza as interações e os vínculos são os encontros virtuais por grupos de crianças através do *Google Meet*. Essa interação foi uma estratégia possível para manter vínculos e afetos construídos antes da pandemia. Mas, ao longo do tempo notamos que por diversos fatores algumas crianças participam menos, outras mais e temos ainda uma minoria, que nunca participou de nenhuma atividade remota. Notamos que algumas famílias encontram dificuldade com a logística que os encontros remotos demandam, já outras sofrem com a ausência de tecnologia.

Esta é uma investigação que ainda está acontecendo e nos provoca, cotidianamente a mergulhar profundamente no tempo presente, (re)construindo diálogos com a infância. Inauguramos uma pesquisa com objetivos e metodologia moventes, que se constituem na caminhada, se aprofundando nas questões de alteridade e da dimensão estética da educação remota. Estamos forjando essa pesquisa nas “metodologias minúsculas”, como nos sugere Ribeiro e Guedes (2019), que contemplam entender o processo de pesquisa na alteridade e na experiência, mas cientes que estaremos imersos em uma “metodologia errante”, como aponta Ostetto (2019).

A metodologia utilizada nessa pesquisa é de Formação-ação, onde eu, do meu lugar de docente, sou integrante da pesquisa (junto com crianças, famílias e colegas), refletindo sobre o que acontece na prática coletiva compartilhada com os meus pares e questionando a realidade na qual estou inserida com o grupo. Nesta metodologia, prática e teoria fazem parte de um processo conectado com o cotidiano e, portanto, contínuo.

Chamamos essa metodologia de movente, pois desejamos ressignificá-la no caminho e nos encontros virtuais com as crianças. Ao investigar essas estratégias pensadas para manter as interações e vínculos na pandemia da Educação Infantil do Coluni UFF, que tem em sua comunidade escolar perfis socioeconômicos tão diversos, me indago sobre quem são essas crianças? Suas famílias? Suas expectativas? Suas demandas e necessidades?

Algumas pistas já ficaram evidentes na pesquisa até aqui. Uma delas diz respeito a excepcionalidade que os encontros remotos representam, desse modo as estratégias não se configuram na perspectiva de ensino, educação à distância ou fazer escola. Os encontros remotos se constituem sim, em espaço para a manutenção de vínculos e afetos e para fazer uma ponte que interligue a Educação Infantil que acontecia no momento anterior a pandemia e um futuro retorno seguro.

A pesquisa está em fase de levantamento de dados e ainda não passaram por análises mais rigorosas. No entanto, compartilhamos esses inícios por acreditarmos que esses achados necessitam ser desvelados, uma vez que entender essa infância que está forjando junto com os adultos limites e possibilidades durante a pandemia é, no mínimo, urgente e necessário.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. **Reflexões sobre a peste**. Quodlibet, 2020.

GUEDES, A. O.; RIBEIRO, T. **Pesquisa, alteridade e experiência: metodologias minúsculas**. Rio de Janeiro: Ayvu, 2019.

KRENAK, A. **O amanhã não está à venda**. Companhia das letras, 2020.

LARROSA, J. **Pedagogia profana: danças, piruetas e outros mascarados**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

OSTETTO, L. E. **A pesquisa em círculos tecida: ensaios de uma metodologia errante**. In: GUEDES, A. O.; RIBEIRO, T. **Pesquisa, alteridade e experiência: metodologias minúsculas**. Rio de Janeiro: Ayvu, 2019.

SANTOS, B. S. **A cruel pedagogia do vírus**. Edições Almedina, 2020.